



NARRATIVAS DE PROFESSORES INDÍGENAS: LÍNGUA E IDENTIDADE

MARIELI ZANOTTO ^{1,2}, ANGELA DERLISE STÜBE ^{2,3}

1 Introdução

Este texto apresenta o andamento e os resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Narrativas de professores indígenas: língua e identidade*, iniciada em setembro de 2019 e que se encontra em fase de desenvolvimento.

A pesquisa objetiva analisar discursos produzidos por professores indígenas que atuam no ensino de línguas na educação básica pública de Chapecó/SC, a fim de interpretar como compreendem o ensino de línguas. Por meio das bases teóricas e metodológicas da Análise de Discurso de linha francesa, problematizamos marcas discursivas produzidas pela relação ser-estar-entre-línguas-culturas nas discursividades desses professores, o que nos possibilita interpretar representações sobre o ensino de línguas, tanto portuguesa quanto indígena, a fim de compreender que imaginário se produz e se sustenta nessas entrevistas.

Destacamos que houve necessidade de modificação da metodologia da pesquisa, em virtude da pandemia do Novo Corona vírus, que inviabilizou o contato presencial com os entrevistados, o que requer nova submissão do projeto ao Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), para o qual aguarda-se aprovação.

2 Objetivos

Geral

Analisar representações sobre ensino de língua(s) – portuguesa e indígena - que emergem em entrevistas com professores indígenas da educação básica na região de abrangência da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus de Chapecó/SC para, então, discutir consequências à formação de professores.

Específicos

1 Acadêmica do Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Bolsista de Iniciação Científica da UFFS- Campus Chapecó, *Narrativas de professores indígenas: língua e identidade*. E-mail: marij_zanotto@hotmail.com.

2 Grupo de Pesquisa: Linguagem, Discurso e Subjetividade, da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Chapecó.

3 Doutora em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, professora da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. **Orientadora**. E-mail: angelastube@uffs.edu.br



- a) Promover a integração de pesquisadores da área de Linguística, constituindo-se em um espaço de interlocução, em especial, entre aqueles que desejam problematizar estudos em torno das concepções de língua, de sujeito e de políticas linguísticas para grupos minoritários;
- b) compreender as noções – em suas imbricações – de Língua Materna e Língua Estrangeira, Língua Nacional e Língua Oficial, com ênfase na política da língua;
- c) descrever imaginário sobre língua(s) e sujeito indígena no contexto de abrangência da UFFS-Chaçapécó, com o intuito de contribuir para a formação de professores gestada nessa IES;
- d) realizar estudos que discutam políticas públicas para se pensar e gestar programas para a realidade de diversidade linguística regional;

3 Metodologia

Para a constituição do *corpus*, o *locus* da pesquisa é a região de abrangência da UFFS, campus Chapecó/SC. O critério de seleção estabelecido aos participantes convidados é de professores autodeclarados indígenas e que atuem na educação básica.

Inicialmente dialogamos com a Gerência Regional de Educação (Gered) e Secretaria Municipal da Educação de Chapecó (SEMED), a fim de realizar o levantamento do quantitativo de professores indígenas da rede que atuam com ensino de línguas e para obtenção do contato dos mesmos. Após isso e autorização do diálogo com os professores, efetuaremos a submissão do projeto ao Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Aprovado o projeto no CONEP, contataremos os professores indígenas, convidando-os a participar da pesquisa. A participação é voluntária, buscando um mínimo de cinco participantes.

As narrativas serão coletadas por meio de entrevistas semi-estruturada, inicialmente previa-se encontros presenciais com os entrevistados para a realização das entrevistas, entretanto, devido a pandemia do Novo Corona vírus, que impossibilitou o encontro presencial com os entrevistados, foi necessária adequação da metodologia das entrevistas, por meio de sistema online, carecendo de nova submissão do projeto ao CONEP. Uma vez que, ainda não foi possível a realização das entrevistas, foco inicial desta pesquisa, incluiu-se novas etapas ao projeto, estudo teórico do que se entende por narrativa e a análise documental dos dispositivos que regulamentam a educação escolar indígena, que se encontram em desenvolvimento enquanto não há a aprovação da nova metodologia de coleta de dados. Assim que aprovada pelo CONEP, realizaremos a coleta das entrevistas.

As entrevistas online serão gravadas e posteriormente transcritas e, a partir do material linguístico coletado, realizaremos a seleção de marcas formais pertinentes ao tema da pesquisa, que constituirão o *corpus* de nossa análise. Salientamos que essas marcas não serão estabelecidas a



priori, mas sim são manifestações do próprio *corpus*, em correlação com a reflexão teórica.

Com esse *corpus*, pretendemos compreender que representações sobre o ensino de línguas, tanto portuguesa quanto indígena, emergem dos discursos de professores indígenas, a fim de compreender que imaginário se produz nessas entrevistas. A compreensão de tal imaginário será importante para problematizarmos consequências ao ensino de Língua Portuguesa e de Língua Materna a esses sujeitos e para discutirmos consequências à formação de professores.

4 Resultados e Discussão

Uma vez que a realização das entrevistas ainda não foi possível, focamo-nos até o momento na revisão da literatura e na análise de documentos que regulam e normatizam a educação básica escolar – especialmente indígena - como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Proposta Curricular de Santa Catarina, Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Chapecó, Política da Secretaria de Estado da Educação de Educação Escolar Indígena. O entendimento de tais documentos é importante para que possamos compreender como se dá a educação escolar indígena em nosso *locus* de pesquisa e como/em que é fundamentado o ensino de língua(s) – portuguesa e indígena nas escolas indígenas.

Ao analisar os documentos constatamos que, sobre ensino de línguas indígenas, pouco (ou nada) se trata, além disso, observamos que o português é compreendido como única língua materna, ignorando ou omitindo a possibilidade das línguas indígenas como línguas maternas. Tais constatações nos auxiliarão no gesto interpretativo das narrativas dos professores indígenas, das representações sobre o ensino de línguas e das marcas linguístico-discursivas que poderão emergir em seus discursos.

De acordo com Pêcheux (1997), os discursos são determinados pela projeção imaginária em que os sujeitos se inscrevem, ou seja, o que determina a produção de um discurso é a imagem que os sujeitos constroem do lugar social que ocupam e que o(s) outro(s) ocupa(m). Desse modo, entendemos que os discursos dos professores indígenas sobre a(s) língua(s) carregam marcas, instauram acontecimentos e funcionam ao longo da história, conforme e produzindo imaginários.

5 Conclusão

Com base nas leituras e análises dos documentos feitos até o presente momento, observamos o silenciamento das línguas indígenas, visto que os documentos que prescrevem a educação básica escolar não orientam e nem especificam como é/deve ser o ensino de línguas na educação escolar indígena, especialmente as línguas indígenas e, muitas vezes, concebendo o português como (única)



língua materna, o que acaba por produzir, mais uma vez na história, a imposição de uma língua.

Diante disso, considerando que o sujeito se constitui na e pela linguagem, que a educação escolar indígena tem fundamental importância para a manutenção dos contatos, da cultura e da língua, e que os mesmos têm relação com o processo de construção identitária dos povos indígenas, compreender quais os imaginários permeiam a memória dos professores indígenas sobre o ensino de línguas e quais imaginários produzem, é fundamental para discutir a formação de professores, políticas linguísticas para grupos minoritários e políticas públicas para os povos indígenas e a educação escolar indígena.

Referências

- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORLANDI, E. **As formas de silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD – 69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- STÜBE, Angela Derlise; AGUIAR, Gabriele de. [Dossiê Entre hegemonias e saberes subalternos na universidade do século XXI. Índio já sofre por ser índio: língua e identidade em redações de indígenas](#). *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 7, n.1, p. 99-124, 2018.

Palavras-chave: Discurso, Indígena, Língua, Professores, Educação

Financiamento: UFFS